

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**(TRANS) FORMAÇÃO NO CINEMA:
IMAGENS DO UNIVERSO TRANSEXUAL SEGUNDO O PÚBLICO
E OS REALIZADORES DO 6º RECIFEST**

Recife, julho de 2021

JANDERLAN ALEXANDRE DE ARAUJO

**(TRANS) FORMAÇÃO NO CINEMA:
IMAGENS DO UNIVERSO TRANSEXUAL SEGUNDO O PÚBLICO
E OS REALIZADORES DO 6º RECIFEST**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. João Morais de Souza

Recife, julho de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A381a44 Araujo , Janderlan Alexandre de Araujo
4t((Trans) formação no cinema: Imagens do universo transexual segundo o público e os realizadores do 6º
Recifest / Janderlan Alexandre de Araujo Araujo . - 2021.
46 f.

Orientador: Joao Morais de Souza.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2021.

1. Transexuais. 2. Transgêneros. 3. Cinema. 4. Recifest. 5. LGBTQIAP+. I. Souza, Joao Morais de,
orient. II. Título

CDD 300

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi abordar sobre que imagens o público e os realizadores do 6º Recifest entrevistados fizeram do universo transexual passadas no cinema e como eles discorreram sobre a importância dos festivais e mostras de audiovisual para o fortalecimento da diversidade cultural e a desconstrução de preconceitos referentes à população *trans*. A relevância do estudo está em contribuir no despertar de um senso crítico no enfrentamento às discriminações e aos estereótipos voltados às minorias, especificamente ao público *trans*. A pesquisa foi de natureza qualitativa, de caráter exploratório descritivo e contou com sete sujeitos entrevistados. Para o desenvolvimento da pesquisa foi feita uma abordagem sobre o universo transexual apontando os desafios por espaços de fala e de visibilidade no cinema. Em seguida, foi feita uma rápida descrição apresentando a cidade do Recife como espaço de diferentes cinemas e de festivais, a exemplo do Recifest. Depois, vieram os resultados: primeiro, um relato detalhado sobre visibilidade *trans* em uma roda de diálogo. Segundo, foi mostrada a percepção do público e realizadores do 6º Recifest sobre as imagens do universo *trans* passadas no cinema. Assim, a percepção descrita foi a da visão preconceituosa e distorcida no que tange as personagens e o universo *trans* passados no cinema e na tv. Entretanto, apontaram que essa realidade vem sendo mudada a partir do contexto de lutas por respeito e por direitos, a exemplo de movimentos como o LGBTQIAP+. Segundo as pessoas entrevistadas, resultados positivos estão aparecendo e produções recentes sobre o universo *trans* estão sendo mais cuidadosas. Como superação desse contexto, afirmaram ser necessário luta, resistência, formação, estudo, vivência e respeito às liberdades e a democracia. Também há a necessidade de se lutar por cidadania e inclusão social, fazendo com que a convivência com a população transexual faça parte do cotidiano das pessoas de forma plural e respeitosa.

Palavras-chave: Transexuais; Transgêneros; Cinema; Minorias; LGBTQIAP+, Recifest, Imagens.

ABSTRACT

The main objective of this work was to discuss which images the audience and the directors of the 6th Recifest interviewed made of the transsexual universe shown in the movies and how they discussed about the importance of festivals and audiovisual shows for the strengthening of cultural diversity and the deconstruction of prejudices regarding the *trans* population. The relevance of the study is in contributing to the awakening of a critical sense in confronting discrimination and stereotypes towards minorities, specifically the *trans* public. The research was qualitative in nature, exploratory, descriptive, and had seven subjects interviewed. For the development of the research, an approach was made about the transsexual universe, pointing out the challenges for speaking spaces and visibility in the cinema. Then a quick description was made, presenting the city of Recife as a space of different cinemas and festivals, such as Recifest. Then came the results: first, a detailed account of *trans* visibility in a dialogue circle. Second, the perception of the public and directors of the 6th Recifest about the images of the *trans* universe shown in the movies was shown. Thus, the perception described was that of a prejudiced and distorted vision concerning the characters and the *trans* universe portrayed in the movies and on TV. However, they pointed out that this reality has been changing as from the context of struggles for respect and for rights, following the example of movements such as the LGBTQIAP+. According to the people interviewed, positive results are appearing and recent productions about the *trans* universe are being more careful. As overcoming this context, they affirmed the need for struggle, resistance, training, study, experience, and respect for freedoms and democracy. Also the need to fight for citizenship and social inclusion, making the coexistence with the transsexual population part of the everyday life of people in a plural and respectful way.

Keywords: Transsexuals; Transgenders; Cinema; Minorities; LGBTQIAP+, Recifest, Images.

*Bixa travesti de um peito só
O Cabelo arrastando no chão
E na mão sangrando, um coração.*

INTRODUÇÃO

A arte cinematográfica representa um instrumento capaz de mostrar certas realidades sociais e de colaborar para a exposição de ideais e visões de mundo que auxiliam o indivíduo no desenvolvimento do pensamento crítico (considerando que o cinema reforça e desconstrói paradigmas de dominação e emancipação presentes no cotidiano). Contudo, os aspectos da realidade social passados para a linguagem cinematográfica encontram obstáculos e distorções na sua construção, pois sofre influências do mercado, do poder público e dos profissionais do cinema.

O presente trabalho nasceu do interesse em compreender qual a imagem que o cinema faz das pessoas transexuais, sobretudo, como essa imagem é expressa através da arte fílmica e qual a percepção que o público e seus realizadores fazem em torno dela. A preocupação não surgiu unicamente em função da presença minoritária de transexuais nos filmes em que ocorre a predominância de personagens *cisgênero*¹, mas também de que forma a comunidade *trans* é representada no cinema.

Assim, questiona-se que imagens são construídas dos transexuais e como elas são apresentadas pela sétima arte? Além disso, muitos segmentos das minorias não estão representados significativamente no universo cinematográfico brasileiro. Não há equidade de princípios e nem protagonismos para personagens *trans* nas grandes produções do cinema nacional (que é, na maior parte, voltado às representações sociais mais hegemônicas), controlado por uma maioria econômica. É importante lembrar que as noções de minoria e maioria utilizadas nesse estudo são as definidas nos termos de Bruno Carmelo (2020),

(...) noção de maioria enquanto aquela detentora do poder – fator que, em qualquer sociedade capitalista ou desigual, concentra-se na mão de poucos. Minorias seriam, então, aquelas cujos direitos não são aplicados, sejam eles os direitos à moradia, à cidadania, ao estudo, à segurança, à cultura e à arte. Minoria seria todo grupo social fragilizado, perseguido por demais grupos organizados, financeiramente estruturados e capazes de impor suas vontades aos demais. Trata-se das mulheres, dos negros, dos indivíduos LGBTQI+, dos indígenas, dos deficientes físicos e mentais etc., ou seja, aqueles que raramente conquistam cargos públicos, cujas

¹⁴Em estudos de gênero, cissexual ou cisgênero são termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero de um indivíduo com o gênero associado ao seu sexo biológico e/ou designação social.” Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cisg%C3%A9nero>> Acesso em 23/08/2017.

vozes não são representadas pelas leis (ou cujas leis protegendo-os não são aplicadas corretamente), cujos corpos não transitam livremente pelas ruas, e cujos rostos não aparecem nos filmes. A minoria seria aquela que, mesmo em grande quantidade, permanece invisível em meio à distribuição de riquezas. Ao mesmo tempo, torna-se indispensável socialmente enquanto minoria: sua força de trabalho, barata e vulnerável, serve a quem quiser explorá-la.

Contudo, faz-se importante averiguar de que formas e conjunturas a imagem da população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, entre outros (LGBTQIAP+) é apresentada no cinema, mais especificamente a população *trans*. Como recorte da pesquisa, indaga-se qual é a imagem das pessoas transexuais apresentada no cinema?

Uma primeira visão é de que a participação da população transexual e transgênera no cinema ocorre de forma pouco expressiva nos longas metragens de grande destaque no país. Porém, longas recifenses como *A Febre do Rato* (de Cláudio Assis, 2012), *Tatuagem* (de Hilton Lacerda, 2013) e *Bacurau* (de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) trazem personagens homossexuais e transexuais. Tais filmes receberam destaque e prestígio do público e crítica. Apesar disso, neles não há existência do protagonismo *trans*. Esse protagonismo é algo mais recorrente em curtas e médias metragens independentes (experimentais, ficcionais ou documentais), que possuem uma relação mais distante do grande público nacional.

Essas produções vêm ganhando destaques nos grandes e tradicionais festivais de cinema da cidade do Recife, como o Cine PE – Festival do Audiovisual – e o Festival Janela internacional de Cinema. Ambos voltados ao grande público e que vêm diversificando suas temáticas, tornando seus editais mais inclusivos até para curtas de baixo orçamento e várias linguagens. Não obstante, a cidade apresenta um festival que aborda o universo LGBTQIAP+ que é o Recifest – Festival de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero, que será a base para o presente artigo.

Os objetivos desse estudo foram delineados no âmbito do 6º Recifest. Assim, o objetivo principal foi abordar sobre que imagens as pessoas (público e realizadoras(es)), entrevistadas no 6º Recifest, fazem do universo transexual passadas no cinema e como elas discorrem sobre a importância dos festivais e mostras de audiovisual para o fortalecimento da diversidade cultural e a desconstrução de preconceitos referentes à população *trans*.

Os objetivos específicos foram: a) descrever sobre os desafios do universo transexual por espaços de fala e visibilidade no cinema; b) analisar sobre o que significa ser transexual para as entrevistadas e como elas veem o universo *trans* retratado no cinema; c) observar, na visão das entrevistadas, perspectivas/possibilidades de desenvolvimento de produções cinematográficas com mais inclusão de pessoas transexuais e transgêneras nessas construções.

A relevância do estudo está em contribuir com o despertar de um senso crítico no enfrentamento às discriminações e aos preconceitos voltados às minorias, sobretudo a que é o foco do trabalho. Todavia, se faz importante lembrar que as discriminações e preconceitos evidenciam as desigualdades historicamente estruturadas na sociedade brasileira e invisibilizam os discriminados. Assim, a importância da temática *trans* ganha proporções mais expansivas ou universais por se relacionar a uma necessidade simples: o respeito à diferença. Desse modo, o artigo se insere na reflexão acerca dos atos de violência que depreciam ou cerceiam a pessoa *trans* por sua orientação sexual, identidade de gênero, etnia, classe, entre outras formas de discriminações interseccionais.

Nessa perspectiva, espera-se que o estudo possa somar à luta das pessoas transexuais, transgêneras e da população LGBTQIAP+ em geral, para repensar a imagem *trans* passada na televisão e no cinema no sentido da equidade de direitos e autorreconhecimento. Para elas, assim como para todos, é importante se veem representadas não só institucionalmente, mas através das diversas facetas que compõe seu universo na sociedade. Fazendo com que as expressões midiáticas transmitidas para o público sobre esse universo seja uma construção com a participação delas imersas em seu cotidiano, expressando seus posicionamentos e preferências, e não uma construção desvirtuada da realidade e caricatural.

A partir disso, o cinema figura entre as atividades em que as pessoas acessam mais nos momentos de lazer e descontração, constituindo-se em uma importante ferramenta de formação sociopolítica e cultural. À vista disso, o cinema figura como ponto de partida para discussões sobre diversos temas entre círculos de amigos, familiares, companheiros de trabalho e assim por diante. Portanto, é pontual citar a dupla intervenção que a imagem passada no cinema carrega: por um lado, a naturalização e reprodução de preconceitos e, por outro, o necessário processo de desnaturalizá-los.

O cinema é um elemento da cultura de massa que transporta e constrói diálogos e realidades para (e *entre*) os espectadores. Manifestações culturais populares, carregam um intenso poder transformador e muitos se reconhecem através das telas. A partir da percepção de como as imagens de pessoas transgêneras são retratadas em algumas produções televisivas e cinematográficas nacionais, é possível notar a reprodução de estereótipos e preconceitos. Isso se percebe através de tons redutíveis, alegóricos ou acentuadamente humorísticos. Nessa perspectiva, a imagem não é a de um personagem como os demais, mas o de alguém que ali se encontra apenas para cumprir a função unidimensional e figurativa de *ser* transexual ou transgênero.

Dessa maneira, o estudo visa colaborar não apenas para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas com tal propósito, mas também denunciar um problema imerso nessa estrutura cinematográfica dominante: o de reprimir e limitar as identidades divergentes ao padrão imposto pela maioria detentora do poder, reduzindo-as a contextos superficiais, representadas em papéis secundários e pré-definidos. Espera-se, portanto, uma transformação, a possibilidade de pessoas transexuais poderem aparecer nas telas do cinema identificadas como parte de um grupo socialmente legitimado e naturalizado pela sociedade em geral. Hoje, entretanto, identificamos que a imagem das pessoas transexuais representadas nos filmes de longa-metragem e grande alcance sofre uma invisibilidade, fortificando a marginalização que essas pessoas sofrem diariamente.

Nesse sentido, a pesquisa foi idealizada através da natureza qualitativa, de caráter exploratório descritivo e discorreu sobre a recepção do público (espectadoras(res) e realizadoras(es) *trans*) acerca da imagem de pessoas *trans* passada nas telas do cinema. A pesquisa foi realizada na cidade do Recife, Pernambuco, no 6º Recifest, ocorrido no ano de dois mil e dezoito, entre os dias vinte e vinte quatro de novembro, no Cinema São Luiz, na rua da Aurora, nº 175. O espaço foi selecionado pela sua centralidade e pela popularidade de abrigar diversos festivais importantes e ações culturais de relevância social, acessíveis a diversos públicos.

Os convites para as entrevistas e a realização delas ocorreram durante os dias e nos intervalos em que as produções relacionadas a temática *trans* estavam sendo exibidas. Foram entrevistadas sete pessoas, sendo cinco delas público do festival e duas realizadoras relacionadas com a produção de filmes exibidos na mostra. As entrevistadas se apresentaram da seguinte maneira: 1) Natural de Alagoas, residente em Recife,

exercendo a profissão de empreendedor, na área de eventos musicais (preferiu não informar idade). 2) Natural e residente de Recife (PE), vinte e três anos, auxiliar e operador de transporte de cargas. 3) Natural e residente de Recife (PE), vinte e sete anos, preparadora de elenco e produtora de cinema. 4) Natural e residente da cidade de São Paulo (SP), quarenta e um anos, atriz, roteirista e cineasta. 5) Natural e residente de Recife (PE), dezenove anos, estudante do ensino médio. 6) Natural e residente de Recife, trinta e seis anos, dona de casa. 7) Natural da cidade da João pessoa (PB), residente em Recife (PE), vinte nove anos, tatuador e *Body Piercing*.

. A opção pelos recortes procurou mostrar as diferentes facetas que compõem o processo cinematográfico e seus espectadores. Assim, foi utilizada uma amostragem não probabilística por acessibilidade. Para as entrevistas, foram utilizados dois questionários adaptados a cada sujeito e suas áreas de participação na pesquisa (público ou realizador).

É considerável enfatizar que nessa pesquisa não houve a pretensão de falar pelas pessoas transexuais, submergindo seu lugar de fala, realidades e protagonismos sociais. Mas sim, o objetivo de registrar perspectivas da realidade empírica do universo *trans* contada por pessoas *trans* envolvidas, de alguma forma, no universo do cinema. Enfatiza-se, também, que a experiência de assistir filmes pode ser diferenciada para cada pessoa, dependendo das suas composições socioeconômicas, educacionais, políticas e artístico-culturais. Assim, a recepção de uma imagem ou conteúdo cinematográfico está para além da tela e pode sofrer influência do contexto sociocultural do espectador (FRESQUET, 2013). Nesse sentido, procura-se compreender como se dão as relações entre os sujeitos, suas vivências e o cinema.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: no item primeiro foi discorrido sobre o universo transexual apontando os desafios por espaços de fala e de visibilidade no cinema. No segundo, foi apresentado o Recife como de diferentes cinemas e dos festivais como eventos acessíveis ao público, na construção do seu sentido de *pertencimento*. Um relato do pesquisador sobre visibilidade *trans* em uma roda de diálogo foi descrito no terceiro item. No quarto item se mostrou a percepção do público e realizadores do 6º Recifest sobre as imagens do universo transgênero passadas no cinema.

1. O UNIVERSO TRANSEXUAL E TRANSGÊNERO: DESAFIOS POR ESPAÇOS DE FALA E VISIBILIDADE NO CINEMA

A definição do termo *transexual* pode receber vastos significados por diferentes áreas das ciências da mente, das ciências sociais, da saúde e, sobretudo, da própria população LGBTQIAP+. Uma definição comum é a de que a pessoa transexual é aquela que se identifica pelo gênero oposto ao que a sociedade atribuiu a seu sexo biológico, e que pode manifestar necessidade de adequação sexual cirúrgica e hormonal ao gênero pelo qual se identifica. Ademais, temos o termo “transgênero” que é mais amplo e comporta nele toda conduta de que se distingue das normas-padrão atribuídas ao binarismo de gênero, a partir do determinismo biológico, como discorre Lanz (2014):

O termo ‘transgênero’ é muito amplo referindo-se, inclusive, tanto a transexuais (e travestis) quanto a quaisquer outros indivíduos cuja identidade de gênero seja incongruente com o seu sexo biológico, levando-os a se tornarem transgressores da ordem binária de gênero a fim de se expressarem dentro da sociedade (LANZ, 2014, p.74).

Por se tratar de um fenômeno social recente para parte considerável da sociedade, segundo Gomes (2010), ainda é notada uma “confusão no âmbito cultural da noção do transexual com tudo aquilo pertencente ao fenômeno *trans*: transexual, *drag-queens*, *butches*, *queers* etc.” (GOMES, 2010, p. 16). Assim, devido a diversidade dentro da população LGBTQIAP+, é compreensível que algumas pessoas fiquem confusas em relação a termos, identidades sexuais e de gênero que ainda estão sendo solidificados no âmbito do senso comum e até mesmo acadêmico. Contudo, no contexto da imagem cinematográfica, cabe ao cinema interpretar e transmitir essas e outras particularidades.

Desde sua concepção, o cinema carrega signos, características sociais e culturais que correspondem à dada realidade (ou qualquer ideário imaginário que possui aspectos relacionáveis à mesma). A interpretação da imagem de uma personagem em um filme encontra uma importância singular para o sujeito ou grupo. O indivíduo passa a reconhecer nela suas características e direitos como parte componente da sociedade. Marcondes (2013), no livro *Cine igualdade: “A evolução do cinema LGBTT e a conquista de direitos”*, aborda a expressividade LGBTQIAP+, no espaço cinematográfico, na sociedade e como isso coopera para o reconhecimento dela como parte circunstancial da realidade fora das telas:

[...] o cinema, uma das artes mais populares, evidencia a possibilidade de mudanças de paradigmas [...]. Uma personagem até então inexistente passa a surgir de maneira marginal em suas telas, ganhando espaço até ser reconhecido. Os espectros do cinema proporcionam a abertura

necessária para a interação do direito com a sociedade, refletindo-se nas conquistas futuras (MARCONDES, 2013, p. 18-19).

Desse modo, salienta-se que “os filmes são uma forma de expressar não só a realidade, mas também os desejos de um determinado grupo de pessoas” (MARCONDES, 2013, p. 122). Através da representação fílmica, as personagens e seus respectivos dramas aproximam-se do espectador, apresentando-o diferentes óticas para um universo, fornecendo a possibilidade de reconhecimento e empatia pelas vidas retratadas por meio do prisma artístico, fazendo-o olhar através dos olhos do *outro*.

O cinema desempenha um papel significativo na transmissão de diálogos que cooperam para a reflexão e desconstrução de posturas intolerantes ou discrepantes sobre grupos de pessoas. De acordo com Gomes (2010), as pessoas transexuais já foram cinematograficamente retratadas de forma incoerente com a sua realidade, porém uma imagem fílmica que contribua para reduzir hostilidades em torno desse universo é urgente e necessário.

É por meio de um processo de criação de identidade que o discurso proferido em um filme ganha um valor significativo em se tratando de preocupação com o *bem-estar* social. Em uma linguagem cinematográfica socialmente consciente, essa problemática pode adquirir contornos menos conflitantes (GOMES, 2010, p. 14).

Segundo Duarte (2009), o cinema atua não só como um instrumento de desconstrução, mas uma vez associado a certa forma de assistir, coopera para a interação dos saberes, das identidades e visões de mundo, juntando diversos atores sociais. Pois “esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica”. Como observa Duarte (2009), a partir da leitura de Pierre Bourdieu (1979),

[...] a experiência das pessoas com o cinema, contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. [...] essa “competência” não é adquirida vendo filmes, a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas – que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia – é que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema (DUARTE, 2009, p. 13).

A noção de como o cinema é uma arte mundialmente popular e acessível (em diversas plataformas e espaços), contribui diretamente para mudança de olhares somase à educação de uma população. Tal inclinação pode gerar ações diretas na revisão de princípios e assim ter um impacto nas ações dos indivíduos que o contemplam, tal qual

ações afirmativas na relação cinema-educação, na esfera institucional. Por conseguinte, intensificaria a dissolução de muitos preconceitos que exterminam e limitam a população *trans*. Anualmente, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) publica um almanaque completo² onde constam os registros de assassinatos/suicídios desta população em diversos níveis, entre outros detalhes.

Subtraindo todas as variantes que escapam aos registros (sobretudo durante a pandemia de Covid19), no que corresponde apenas ao primeiro semestre de 2021 (BOLETIM Nº 002-2021), o Brasil teve um total de 89 pessoas *trans* mortas. Contabilizando 80 assassinatos e 9 suicídios. Existiram também 33 tentativas de assassinato e 27 violações de direitos humanos.

1.1 A REPRESENTAÇÃO TRANS NO CINEMA E NA TV

Segundo Pinheiro (2014), a inserção de elementos que remetem ao universo de personagens transexuais e transgêneros na cinematografia brasileira já ocorria desde a década 1920, ainda que direcionado mais propriamente ao humor e em menor escala. A partir de então, essa representação se intensificou na década de 1950, com o crescimento das *chanchadas* e *porno-chanchadas* realizadas pela produtora Atlântida. Contudo, os personagens transexuais e travestis ainda eram frequentemente associados às risadas, em produções que davam margem à ridicularização dos mesmos.

As produções nacionais foram retratando transexuais conforme foi ocorrendo maior abertura por parte da esfera política, porém havia uma *censura moderada* que era “fortemente influenciada pela igreja católica desde a década de 1950, que foi se intensificando até a concretização do Ato Constitucional nº 5 e suas restrições” (PINHEIRO, 2014, p. 43). Nessa perspectiva, o mecanismo da censura era latente, não só pelo fato de ser um tipo de repressão, mas porque simbolizava também parte da edificação de um subsequente regime militar. Contudo, algumas *chanchadas* e *porno-chanchadas* continuaram até meados da década de 1970 (mesmo que *pareceres* fossem anexados aos catálogos dos filmes, mencionando “falha nas instituições familiares”). Já nos anos de 1980, alguns filmes brasileiros passaram a representar mais

² Disponível em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>> Acesso em 14/07/2021.

fidedignamente a vida das pessoas *trans*, distanciando-se de interpretações mais estereotipadas e naturalizando, organicamente, sua participação no contexto cinematográfico, assim:

Apesar de pouca representatividade em números, o conteúdo de muitas obras se tornou imprescindível para inserir outros vetores importantes na discussão das vidas humanas *trans*, como a criminalização de seus trabalhos que se torna consequência de sua abjeção e de sua inexistência para o pensamento dominante, levadas sob um ponto de vista mais sério e engajado em sua problematização (PINHEIRO, 2014, p. 45).

É essencial analisar os padrões comportamentais e de gênero expressos no cinema de massa, já que estes nascem do próprio ideário social. Factualmente transexuais, transgêneros e travestis são vistos por uma ótica inferior e marginalizados. Assim, é relevante verificar os fatores que fomentam sua imagem no cotidiano das pessoas.

Além do mais, recentemente, a associação americana *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation* (GLAAD), responsável por pesquisas acerca da representatividade LGBTQIAP+ em várias esferas, afirma que a participação desta população nos filmes de grandes estúdios sofreu uma redução considerável. Nessa amostra, a partir de 2015, de um total de 126 produções, somente 22 (17,5%) teriam personagens LGBTQIAP+, mesmo percentual do ano antecedente. O estudo mostra que mais de três quartos desses filmes inclusivos contaram com personagens homossexuais masculinos, mulheres lésbicas tiveram 23% de representação e personagens bissexuais apareceram em 9%. Apenas um filme (não série) com protagonismo *trans* apareceu (CARREIRA, 2019). Apesar disso, o quantitativo de personagens *trans* nas séries de TV e *streaming* hoje em dia é mais significativo.

Atualmente, a GLAAD passou a considerar os efeitos da pandemia de Covid19 e percebeu uma redução no total de personagens LGBTQIAP+ nas séries e filmes da TV aberta e nos serviços de *streaming* como a *Netflix* e *Amazon Prime Video* (ambos disponíveis no Brasil). Essa redução ocorreu devido a suspensão temporária de muitas produções desde o início da pandemia. Contudo, na temporada correspondente aos anos 2020 e 2021, personagens bissexuais representariam 28% do total da população em questão. Na parcela de representatividade *trans* em séries foram vistos vinte e nove personagens: sendo quinze mulheres, doze homens e duas

personagens *trans* não-binárias³. Nas palavras de Sarah Kate Ellis (2021), CEO da GLAAD:

No meio de uma pandemia destrutiva, um acerto de contas cultural há muito atrasado com a injustiça racial e uma transição para uma nova era política, a representação é importante mais do que nunca à medida que as pessoas recorrem à narrativa de entretenimento para criar ligações e permitir-lhes um escape.

A partir desse recorte, percebe-se que ainda existem diferenças na divisão de personagens homossexuais, bissexuais, transgêneros (entre outros) na TV e no cinema. A representatividade LGBTQIAP+, como expressa na televisão, ainda reproduz o padrão de hierarquias que existe dentro da sua própria comunidade. Tais níveis, apesar de comporem um quadro internacional, também nos fazem refletir acerca da representatividade de forma local, uma vez que boa parte dessas produções estão disponíveis no país e influenciam a opinião popular, tal qual a produção nacional. No entanto, para os objetivos desse artigo, se faz necessário que uma abordagem mais específica seja elaborada, com abordagem do nosso universo audiovisual.

Todavia, é essencial observar de que modo tais representações figuram na busca de uma conquista que envolve o discurso cinematográfico, para ressignificar as representações das sexualidades e gêneros por meio dessas mídias. Nesse intento, é cuidadoso notar que “o conteúdo exibido em cada filme é dotado da ideologia, ainda que diluída, de quem o finalizou e iniciou sua distribuição” (PINHEIRO, 2014, p.18), pois nem sempre há representatividade por trás das câmeras.

No Brasil, temos exemplos recentes de produções audiovisuais de larga escala incluindo pessoas *trans* nas suas narrativas, como a série Manhãs de Setembro⁴ (2021), protagonizada pela atriz e cantora Liniker, o filme Alice Júnior⁵ (2019), na qual a protagonista é atriz *trans* recifense Anne Celestino, representando uma personagem (*trans*) que parte do Recife para uma localidade conservadora em Araucárias do Sul, se vendo em um ambiente hostil e intolerante. Mais próximo a este artigo está o potente documentário Bixa Travesty⁶ (2018) que acompanha aspectos da vida da MC, poeta e atriz Linn da Quebrada, mas se expande para lançar um olhar sobre discriminação e a reafirmação dos corpos *trans* (tal qual sua objetificação) no contexto atual. Obra-manifesto que transporta a magnitude de um momento histórico

³ Disponível em: <<https://esgrever.com/2021/01/16/glaad-apesar-do-ano-tumultuoso-de-2020-na-televisao-a-representacao-lgbtq-manteve-se-estavel/>> Acesso: 13/07/21

⁴ Disponível no catálogo nacional da Amazon Prime Video.

⁵ Disponível no catálogo nacional da Netflix.

⁶ Disponível na plataforma da Apple TV, NOW e no Youtube (aluguel/compra).

e político, o documentário foi o filme de abertura do 6º Recifest e contou com a presença da própria atriz (que também atuou na série Segunda Chamada⁷ (2019), da Rede Globo) e equipe. Essa foi a noite de maior público do festival, com todos os lugares esgotados e bastante agitação com palavras de ordem.

1.2 OS DESAFIOS DO LUGAR DE FALA E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE VISIBILIDADE

As tensões aqui descritas refletem um estado quase contínuo e expansivo de conscientização do *ser* como *ser*, e o espaço que ele ocupa. Além do mais, a experiência da conscientização pode ter, para cada pessoa, um viés particular, a depender de sua perspectiva e vivência. Se, por um lado, temos instituições que ainda internalizam estruturalmente preconceitos contra LGBTQIAP+, por outro, temos movimentos que repensam suas particularidades e vivências para reafirmá-las política e socialmente. Essas reafirmações tomam, além do espaço físico, o espaço abstrato das redes sociais, da TV e do Cinema.

Junto com as pautas e reivindicações *trans* em diferentes espaços, vieram à tona discussões acerca da importância da construção da *autonomia* dos indivíduos sobre suas próprias vivências. Uma vez que essas experiências passam a ser reproduzidas sem um conhecimento mínimo, incoerências nocivas ao processo de inclusão social e autoafirmação desses grupos podem contribuir para a intolerância e a regressão das suas reivindicações.

Assim, o lugar de fala se tornou cada vez mais importante para a população transgênera. Ele significa a reafirmação da *autossuficiência* para expressar sua própria realidade sem interferência de atores externos. Essa condição é um componente crucial no fomento de políticas públicas que promovam oportunidade e inclusão.

Contudo, a noção de *não falar por não* implica, necessariamente, à ideia do *não falar a favor* de alguma minoria, desde que haja conhecimento e coerência factuais sobre certas demandas (RIBEIRO, 2017). O contrário ocorre quando não se desenvolve um *saber* em torno do *seu* lugar de fala e o do *outro*. No entanto, a busca por equidade das minorias passa pelo comprometimento dos valores e privilégios da maioria que

⁷ Disponível no catálogo da *Globoplay*

detém o poder. Para além, o essencialismo biológico defendido por opositores à causa, demonstra um distanciamento da ideia do ser humano como um ser social em si, ou seja, indo além dos fatores biologicamente determináveis. Essa negação objetifica e invisibiliza corpos e identidades *trans*.

Espaços como o cinema têm sido de fundamental importância para se refletir criticamente os preconceitos naturalizados institucionalmente. A TV, apesar de se posicionar a favor da população *trans*, ainda não inclui expressivamente profissionais *trans* no seu quadro de funcionários. Antes de tudo, essa inclusão depende de inúmeros fatores sociais externos.

Apesar da parca representatividade das minorias nas mídias, as opressões são tão difusas e inter-relacionadas no panorama geral quanto se pode imaginar, como já afirmava Butler (2017, p.21). Não é à toa que a discussão acerca do lugar de fala está mais em evidência. Durante as entrevistas e a roda de diálogo que compõem esse estudo, o assunto foi um dos mais mencionados. Assim, é necessário compreender a importância da criação de mais espaços de fala para a conscientização popular no que tange às minorias *trans*.

Os diálogos vêm crescendo na mídia, nas universidades e na esfera política. Contudo, ainda há poucas literaturas clássicas (ou até mesmo contemporâneas) que abordem profundamente o tema. Esse fato mostra a necessidade de mais inclusão e diálogo, tanto nas escolas quanto na academia. A necessidade de novos estudos é justificada pelo que vem sendo dito: a invisibilidade, a marginalização, a violência e a pouca participação nas esferas socioeconômicas e políticas. As consequências são diversas, desde dificuldades em empregabilidade até a presença ínfima em muitos espaços, sobretudo, o acadêmico. Esses indicadores são desdobramentos de um triste e já conhecido *podium*: O Brasil ainda é o primeiro do mundo no número de mortes de pessoas *trans*, segundo dados do Grupo Gay da Bahia⁸.

Os assassinatos de pessoas *trans* ocorrem, na maior parte, em decorrência da intolerância sobre suas condutas sexuais e de gênero. No livro *História da sexualidade*, Foucault (1976), evidencia que quando discutimos sobre sexualidade

⁸“O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos e LBGQTIA+ no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987.” Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/ggb.html>> Acesso em 23/08/2019.

estamos, de certa forma, ocasionando mecanismos comparativos entre condutas sexuais. A partir desse ponto, também nos mostra como o discurso propriamente dito, é algo que não está restrito a determinadas instituições, mas sim disseminado na própria sociedade, entre os indivíduos e suas associações, no seu cotidiano. É com a formação de discursos que são legitimados os padrões dominantes que reprimem comportamentos e práticas daqueles que não se adequam aos modelos, comprometendo, logicamente, o acesso deles aos espaços de poder.

Por falar em poder e construção de espaços de visibilidade, é oportuno mencionar que as eleições de 2020 que, em contraposição ao governo vigente, bateram recordes de candidaturas transgêneras ou LGBTQIAP+ em vários estados do país, possibilitando a construção de novos diálogos com a população e o fortalecimento de mais lugares de atuação política e cidadã.

Ainda em 2018, Pernambuco elegeu (por mais de trinta e cinco mil votos) a sua primeira deputada *trans* na história, a advogada Robeyoncé Lima (PSOL-PE) que integrava a “mandata coletiva” *Juntas*, que buscava eleger representantes das minorias, sobretudo femininas. No mesmo ano, a pernambucana Erica Malunguinho da Silva (PSOL-SP), graduada em História da Arte, foi a primeira mulher *trans* eleita para deputada estadual na cidade de São Paulo.

Em 2020, Erika Hilton foi eleita a primeira vereadora *trans* de São Paulo e em 2021 se tornou presidenta da Comissão de Direitos Humanos - um ato histórico, assim como as demais -, reforçando o protagonismo afro transexual periférico na esfera política. Esses são apenas alguns exemplos de como notícias sobre “primeira pessoa *trans*” na política (e em diversas áreas) tiveram um inegável aumento a partir do ano de 2018.

É interessante que esses espaços e seus respectivos processos de formação possam ser mais observados em estudos posteriores, pois estão organicamente associados ao tema aqui demonstrado, mesmo não sendo o enfoque principal do estudo.

2. RECIFE DE DIFERENTES CINEMAS E FESTIVAIS

A cidade do Recife cedia, todos os anos, festivais de Cinema que apresentam diversos focos temáticos e/ou propostas competitivas que se dividem entre filmes de curta, média e longa metragem variados. Além disso, também recebe festivais que passam por muitas regiões do território nacional. Entre eles, existem mostras que valorizam tanto o cinema nacional quanto produções de outros países que conseguem pouca distribuição no Brasil.

Os festivais, em sua maior parte, contemplam não só produções audiovisuais, como são compostos de atividades relacionadas ao universo cinematográfico, como oficinas, cineclubes, minicursos, *workshops*, palestras, debate entre realizadores e o público etc. Além disso, trazem apresentações que unem outros segmentos artísticos ao cinema, como a dança, a música, o teatro, a literatura e as artes plásticas. A proposta destas unificações é criar diálogos com o público através de um mosaico no qual a experiência cinematográfica é potencializada, abrindo espaço para o debate e a conexão entre diferentes públicos por meio da interação entre outras bases artísticas, mas que nutrem elementos em comum com o próprio cinema.

A partir dos filmes exibidos nos festivais, é possível criar ambientes coletivos discursivos, já que eles carregam distintas noções socioculturais e políticas quanto se pode imaginar. Esses discursos evidenciam realidades que se conectam com o passado e o presente de muitos povos e nações. Além disso, é uma das capacidades mais mágicas do cinema ultrapassar barreiras geográficas, conectando empatias às reflexões críticas.

Na cidade do Recife é possível encontrar festivais distribuídos durante todo o ano. Um deles é o *Animage*, específico para animações, que ocorre entre os meses de novembro e dezembro, trazendo obras de animação de várias partes do mundo (e nacionais), dividido em várias áreas temáticas e acompanhado de oficinas, cursos rápidos e palestras.

Outro evento com grande destaque é a Mostra Internacional de Música de Olinda (MIMO), que une grandes concertos e shows às mostras de filmes em que a música também é o destaque, ocorrendo em igrejas históricas, museus, mercados,

cinemas e praças. O evento surgiu em 2004 e se expandiu para outros lugares do país até, em 2016, chegar à cidade de Amarante, em Portugal.

O cinema realizado em outros países também possui mostras específicas na cidade. O *Varilux*, Criado em 2010, se dedica a exibir produções francesas em 21 Estados brasileiros durante o mês de junho, com salas comerciais e alternativas. Um dos principais objetivos do festival é fortalecer o intercâmbio cultural e profissional entre França e Brasil, já que possui parcerias com várias instituições relacionadas às artes audiovisuais em ambos os países, a exemplo do Laboratório Franco-Brasileiro de Roteiros. Além do *Varilux*, outro destaque é o *Festival de Cinema Venezuelano em Recife*, que tem sessões gratuitas durante três dias do mês de dezembro e é exibido atualmente no Cinema São Luiz.

Em 2018, ocorreu o primeiro *Baobá cine*. O festival, criado a partir do cineclube *Fazendo Milagres*, é inteiramente dedicado à exibição de filmes produzidos nos países do continente africano e ocorreu no cinema São Luiz, de 23 a 26 de maio. A ideia do *Baobá cine* é trazer filmes contemporâneos realizados no Senegal, Níger, Congo, Mauritânia, Burkina Faso e Mali, que dificilmente encontram distribuição no circuito comercial e salas alternativas da cidade.

Temáticas como a cultura negra e indígena, a inclusão social, os portadores de necessidades especiais, a homofobia e a violências de gênero são algumas das questões trazidas pela *Mostra Cinema e Direitos Humanos*. O evento anual foi criado em 2006 e aponta no Recife durante os meses de novembro ou dezembro, em espaços como a Aliança Francesa do Recife, a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), a Caixa Cultural, o Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), com sessões gratuitas.

Na trilha de festivais que debatem a inclusão de pessoas com necessidades especiais existe, desde 2014, o *Ver Ouvindo - Festival de Filmes com Acessibilidade Comunicacional do Recife* -, que ocorre durante o mês de abril no Cinema do Museu, Paço do Frevo e Cinema São Luiz. Com entrada franca, o festival apresenta mostra competitiva de curtas com áudio descrição e Legendas para Surdos e Ensurdecidos (LSE), além de longas metragens exibidos com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição, promovendo debates, oficinas e minicursos.

A intenção de montar um mosaico dos diferentes festivais que a cidade comporta faz-se oportuna para legitimar o sentimento de pertencimento a cidade e

diversidade cultural. Daí a necessidade de que tais filmes possam transbordar para além dos caminhos delimitados pelos festivais, representando também uma forma do cidadão abraçar sua cidade e seus espaços de direito.

Chegamos, por fim, ao Recifest – Festival de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero – que é considerado a maior janela para o cinema LGBTQIA+ do Estado e uma das mais importantes do país. O evento, criado em 2013, é concebido através da Panela Produções Artísticas, sob direção de Rosinha Assis e da Casa de Cinema, regida por Carla Francine. Além do mais, conta com o incentivo da lei Aldir Blanc, do Funcultura e do Governo de Pernambuco. O Recifest era tradicionalmente apresentado pela querida jornalista pernambucana Graça Araújo, falecida em meados de setembro de 2018, sendo homenageada nesta edição, emocionando os presentes.

A cerimônia, que é gratuita, reúne produções locais, nacionais e internacionais. Também soma questões de acessibilidade aos portadores de necessidades especiais e sua realização ocorre em diferentes espaços e de formas diversas como: rodas de debate com realizadores e o público, oficinas abertas e gratuitas (desde roteirização até introdução aos instrumentos audiovisuais e cursos de *Drag*), mostras e debates inclusivos no sistema penitenciário e educacional, como confirmam Assis e Francine, produtoras do evento:

Além de promover as obras audiovisuais, o festival ainda busca trazer dentro da programação uma série de eventos como performances, oficinas, debates e mostras em comunidades, escolas e presídios. O cinema é ferramenta fundamental na desconstrução da LGBTfobia, machismo, misoginia e qualquer outro sistema de opressão.

Na sua edição anterior, o festival se estendeu às regiões do agreste do Estado, como Caruaru e nos bairros periféricos do Recife, como Chão de Estrelas e o Alto Santa Terezinha, através da Mostra Recifest na Comunidade. Ainda na quinta edição, houve uma mostra especial descentralizada na Colônia Penal Feminina do Bom Pastor, fruto da parceria entre o Recifest e o Cineclube Alumia, que exhibe filmes e promove debates na colônia mensalmente. Lá, homens e mulheres *trans* também participaram das oficinas. Já nesta sexta edição, ocorreu uma mostra posterior, do dia 04 ao dia 07 de dezembro em Nazaré da Mata. Dessas formas, o evento não se limita à exibição dos filmes no contexto LGBTQIAP+, no entanto, materializa e expande seus princípios através da noção de intervenção, inclusão social com troca de saberes.

Além do mais, o Recifest comporta em si diversos tipos de mostras e prêmios (melhor filme nacional, melhor filme pernambucano, melhor curta, entre outros), sempre

homenageando personalidades importantes para a memória cultural da cidade e/ou do movimento. Nesta edição foram homenageados o multiartista Jomard Muniz de Brito e o Maracatu Rural Feminino de Baque Solto Coração Nazareno.

Já os ganhadores das mostras competitivas são premiados com incentivo econômico e material para a realização de novas produções.

Devido a pandemia de Covid19 o evento não ocorreu no ano de 2020, porém, em 2021, foi criada uma edição exclusivamente *on line* do festival. Essas edições, tais como outras informações mais detalhadas, acervos e programações, estão disponíveis no site/portal do evento⁹. Os escritos aqui relatados são referentes à 6ª edição, que ocorreu no ano 2018, dentre os dias 20 e 24 de novembro, a partir das 18h (subtraindo mostras e ações alternativas que ocorreram em horários anteriores, durante todo o dia).

No que se refere aos registros da edição de 2019, houve adversidades que impossibilitaram o acesso do pesquisador. Essas adversidades figuram na ordem de uma rotina formal de trabalho na época, o que ocasionou choques circunstanciais entre os horários do evento e a rotina mencionada.

Já na edição 2021, existiu o agravamento de questões pessoais ligadas à depressão, uma nova rotina de trabalho formal e demandas familiares ligadas aos cuidados com a pandemia, o que exigiu mais comprometimento. Essas e outras questões impactaram, infelizmente, minha contemplação do Recifest 2021.

3. RELATO DO PESQUISADOR SOBRE VISIBILIDADE DE TRANSEXUAIS EM UMA RODA DIÁLOGO

Este relato é fruto da experiência de campo do pesquisador no que tange a uma das atividades que compõem a elaboração desse trabalho. Se propôs aqui, conversar sobre a visibilidade de transexuais e transgêneros. Nesse prosseguir, houve a opção por uma escrita mais fluida e adequada ao contexto intimista e acolhedor do espaço. As informações foram coletadas e organizadas seguindo dez pontos a serem considerados nas conversas, são eles:

⁹ Disponível em: <<https://recifest.com/>> Acesso: 14/07/2021.

LUGAR

O evento ocorreu dentro do Festival de Inverno de Olinda (FIO) e contou com uma roda de diálogo com três pessoas convidadas para debater acerca da visibilidade *trans*. Foi a quarta edição do festival, que ocorreu de 22 a 26 agosto de 2018, na *Casa Balea*, trazendo cineclubes, rodas de diálogos, música e intervenções nos muros da propriedade.

A *Casa Balea* (antiga *Casa do Cachorro Preto*) fica localizada na Rua Treze de maio, 99, bairro do Carmo, no Sítio Histórico de Olinda. A casa é um espaço de resistência e vanguarda, funcionando como um lugar voltado à cultura, às artes e ao diálogo.

Além de dispor de um bar e um *bristô* gastronômico, para melhor acolher o público, ali ocorrem apresentações de dança, bandas, *DJs* e músicos variados. Também existem esquetes teatrais, exibições audiovisuais, festas, saraus, debates e encontros diversos. Pode-se, inclusive, comprar pinturas de artistas locais, vestuários, utensílios, livros, discos, artes plásticas e objetos de decoração. Sobretudo, a boa receptividade é algo marcante nesse lugar. Se faz importante a proliferação de mais espaços como este na cidade.

A CHEGADA

A roda de diálogo começou com certo atraso, pois as participantes optaram por aguardar mais pessoas chegarem. Ainda assim, o público que chegou para a roda foi considerado “pouco, mas interessado”, segundo uma das participantes que compunham a tríade do debate.

Mesmo antes de tudo começar oficialmente, pude perceber que as pessoas que iriam participar do debate, estavam sentadas a tomar cerveja e conversar entre si, próximo ao local onde eu estava sentado. Na conversa à distância, notei que o debate já estava acontecendo extraoficialmente ali mesmo, entre um gole e outro de cerveja, sem eu saber especificamente quem eram as pessoas.

As participantes, em dado momento, falavam com avidez sobre a visibilidade *trans* no contexto midiático. Ressaltavam que esse contexto era o responsável pela representação das pessoas *trans* em novelas, jornais e propagandas. Expuseram certas problemáticas evidenciando a exclusão ou a pouca representatividade do universo *trans* nesses veículos de comunicação. Pontuavam que a mídia, como veículo de massa, era para ser mais *plural* na apresentação das demandas vindas da sociedade. Não poderia omitir o universo *trans* como vinha omitindo.

Alguns minutos depois, com a chegada de um grupo maior de pessoas interessadas em participar do evento, as debatedoras decidiram estender parte da conversa na mesa ao “palco”, de forma espontânea. Quase uma hora depois do início do debate, ocorreu um fato marcante: Uma delas afirmou que seus corpos são *corpos políticos* e que elas não deixam de ser militantes em nenhum momento. Para elas, o próprio ato de existir e respirar é ocupar um espaço. Inclusive, o silêncio, é considerado um ato político para elas também.

OS CORPOS POLÍTICOS

No centro da roda, estavam três pessoas: Sophia Williams é *multiartista, performer*, preparadora de elenco, arte-educadora e produtora cultural, formada em licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e curadora do festival *Transborda de Cultura Sem Gênero*. Samantha Cabral é ativista em direitos humanos, *vice-presidenta* da Nova Associação de Travestis e Transexuais de Pernambuco (NATRAPE), estudante de Ciências Sociais pela UFPE (com especialização em políticas públicas) e representante da Rede Monalisa¹⁰, projeto que conecta transexuais e travestis a empresas amigas da visibilidade *trans*. O terceiro componente da roda de diálogos é Vick Leão, artista musical que reside em Recife, exercendo a profissão de *DJ*. Vick trouxe sua experiência e vivência como homem *trans* para expor os contrastes em relação à visibilidade e suas particularidades.

Após as respectivas apresentações, os participantes deram início aos temas que consideravam pontuais para o diálogo. É importante afirmar que o debate teve não

¹⁰ Disponível em <<https://agenciabrasil.abc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-12/projeto-no-recife-ajuda-transexuais-ingressar-no-mercado-de>> Acesso em: 14/07/2021.

só a função de conversar com temas mais gerais sobre a visibilidade, como também carregar um teor introdutório às vivências das pessoas *trans*.

Apesar de ter sido previamente solicitada às mediadoras uma autorização para a observação do pesquisador, não foram utilizados, para registro de dados, instrumentos metodológicos de pesquisa tais como: gravadores de áudio, câmeras ou bloco de notas físico, a fim de preservar e respeitar a presença e a fala das que ali estavam. Os registros se resumiram à discretas anotações marcadas via aparelho celular (bloco de notas digital) e da própria observação. Sendo assim, as informações aqui dispostas não obedeceram a uma ordem específica e nem foram apresentadas em sua totalidade. Os fatos foram rememorados com o auxílio da observação, das anotações e de pesquisas subsequentes.

DEMANDAS

No diálogo, uma das coisas que primeiro chamou a atenção diz respeito à própria visibilidade: Importante dizer que a visibilidade por si não encerra as demandas mais caras à população *trans*.

Segundo Samantha, uma das maiores necessidades das pessoas transexuais, atualmente, é a busca pela *empregabilidade*. A elevação do custo de vida, imposta por fatores socioeconômicos, tem provocado um aumento na busca por oportunidades no mercado de trabalho. Ela afirmou que essas buscas vêm se dando das formas mais distintas. Disse também que o mercado de trabalho para a população *trans* é predominantemente excludente. Parte dos representantes das empresas utiliza a velha justificativa de que a ausência de oportunidades é um reflexo do medo de afastar o público, da negação e transfobia dos consumidores.

Partindo dessa realidade, foi citada a criação da Rede Monalisa, um projeto voltado para a inclusão de mulheres e homens *trans* em empresas que se mostram abertas a contratação destes profissionais. Dessa forma, a Rede se coloca como uma plataforma de compartilhamento de histórias e geração de conteúdo humano de relevância. Além disso, também fornece capacitação empresarial, para que as empresas possam efetivar uma inclusão *real*, com afeto e respeito.

Samantha, assim como as demais, acredita que para essa inclusão se realizar mais expressivamente é necessário que sejam elaboradas *políticas públicas* pontuais e eficientes, que capacitem e dialoguem com as empresas, assim como na sociedade em geral, sobretudo nas escolas. Foi dito que é fato que a maioria das pessoas *trans* não consegue um apoio consistente da família e dos amigos, tornando o caminho na vida escolar ou acadêmica muito mais árduo. Isso leva muitas a desistirem da formação acadêmica, tornando-se mais distante a inclusão no mercado de trabalho.

Ainda com relação ao mercado de trabalho, os componentes da roda discutiram sobre o papel do Estado nesse processo. Afirmaram que o Estado exige uma educação e uma formação profissional que ele mesmo não consegue levar às pessoas mais marginalizadas e vulneráveis. Dessa forma, não cumpre com sua função social de promover cidadania, educação inclusiva de qualidade e ofertas de trabalho.

Acerca do Estado, Vick faz uma reflexão e uma provocação mostrando que muitas pessoas excluídas, dada a ausência do Estado, não ficam paradas, esperando algum auxílio público. O *Dj* estava se referindo, sobretudo, ao grande número de pessoas transexuais e transgêneras que buscava “levantar as mangas” e encontrar alternativas de realizar um trabalho *autônomo*, assim como ele estava fazendo. Embora reconhecesse que o Estado não cumpria sua função social e que defendia os interesses de poucos privilegiados em detrimento dos demais.

Nesse aspecto, Samantha e Sophia concordaram que o número de pessoas *trans* autônomas é expressivo, mas que somente essa perspectiva não é suficiente, e que o Estado precisa estar presente para todas as pessoas, independente da autonomia ou posição socioeconômica. Dessa forma, foi defendida a ideia de que o Estado precisa garantir a todas as pessoas a *equidade* de oportunidades no trabalho no mercado.

Foi discutido que, a respeito das atividades autônomas mais acessadas pelas pessoas transexuais e travestis na busca de seus sustentos, são em salões de cabeleireiro, cozinhas, bares, na confecção e venda de roupas, nas artes como a dança e o teatro, entre outras. Contudo, essas atividades dependem da realidade de cada pessoa.

Samantha afirmou que, apesar de estudar Ciências Sociais na UFPE e ter responsabilidades com suas frentes de militância, se mantém como cabeleireira.

Contudo, falou, bem-humorada, que não deseja ficar “eternamente trabalhando como autônoma *num* salão de beleza”, pois está estudando para mudar essa realidade.

Outro dado importante levantado pelas participantes, com relação a ausência do Estado na construção multidirecional dessa empregabilidade, é o grande número de transexuais e travestis que trabalham à noite, se prostituindo. Segundo Samantha, nos dados recentes instituições de pesquisa e das frentes de militância, esse quantitativo ficaria em torno dos 90% do total da população *trans* sendo, em sua maioria, mulheres *trans* negras.

DECISÃO

Durante a conversa, falou-se sobre o processo de cirurgia *de redesignação sexual*. Um processo que é complexo e irreversível. Exige-se preparo e acolhimento. Citaram que já ocorreram casos de arrependimentos, seguidos de graves quadros depressivos. Além disso, as participantes afirmaram que a cirurgia não é algo obrigatório e o processo deve ser construído com espontaneidade, segurança e autoafirmação. A pessoa *trans* pode permanecer segura e confortável em não realizar, inclusive. Vai depender do que ela considera importante para sua vida, independente do órgão sexual biológico. Como reforçou Sophia, ser *trans* é uma *identidade de gênero* e não a definição por base no sexo biológico.

Nesse sentido, Samantha falou que, do ponto de vista das garantias institucionais, hoje já é possível realizar esta cirurgia pelo Sistema Único de Saúde (SUS), acessando a Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIAP+ do Ministério da Saúde. O procedimento é antecedido por um período de observação que pode durar até dois anos, onde a pessoa é acompanhada por um psicólogo e recebe outros tratamentos pertinentes ao procedimento. As três componentes da roda concordaram que esse procedimento e o período estabelecido se fazem necessários, pois o processo é delicado. Exigem-se cuidados para com a condição psicológica daquelas pessoas que terão parte do seu corpo modificada.

AFETOS

Um dos destaques da conversa foi com relação à importância dos afetos (antes, durante e depois) para pessoas que passam pelo processo de hormonização e/ou redesignação sexual. Esse momento é visto como um processo conjunto, onde familiares, amigos e amores são os componentes, tanto no sofrimento quanto na alegria. Sophia e Samantha explicaram que o apoio da família é algo fundamental em todas as etapas. Foi dito que, salvo algumas exceções (e sem surpresas), a maioria das pessoas transexuais não conta com o apoio de familiares como apoiadores nesse delicado percurso. Muitas dessas pessoas são expulsas de casa, violentadas ou até mortas pelos próprios parentes, como já é de conhecimento popular.

Nesse aspecto, Sophia toca em outro ponto essencial na questão da afetividade: a compreensão, a participação e o carinho dos *amigos*. Sendo a família uma instituição com a qual muitos não podem contar, cabe aos amigos acolherem e acompanharem nesse caminhar. Não obstante, foi dito que, assim como existe afastamento gradativo de familiares, também é possível que o mesmo ocorra com alguns amigos. As participantes da roda consideraram de bom grado o fato da transgeneiridade funcionar como uma espécie de filtro, separando quem merece, de quem não merece estar em suas vidas. Portanto, a afetividade foi vista como um fator muito importante nesse processo, uma vez que as pessoas *trans* que passam por esse procedimento podem se sentir solitárias e, claro, emocionalmente fragilizadas.

A respeito de relacionamentos amorosos, nesse processo, Vick falou que é comum as pessoas *trans* estarem namorando e serem abandonadas por incompreensão das parceiras. Entretanto, afirmou que no seu caso particular, teve o total apoio da sua parceira mesmo antes do tratamento, isso o ajudou bastante na sua autoestima e saúde mental. Samantha também disse que esteve acompanhada de seu marido nesse caminhar. Concluíram, emocionando os presentes, que a soma de amor, companheirismo e resistência são fundamentais no decorrer dessa etapa, e é isso que é: uma etapa.

A NOITE

O dia oprime.

A noite acolhe.

Em certo ponto da conversa, foi abordado que, durante o dia os espaços públicos e privados, sobretudo, dos centros urbanos, são mais hostis para a população *trans*. Porque há mais controle imposto, por exemplo, nas formas de se comportar, vestir, falar e transitar. A simples presença da pessoa *trans* é suficiente para causar desconforto, olhares de reprovação, piadas e violência física. Em contraste, as regras que legitimam a padronização diurna não recaem sobre a noite. Por isso, Sophia ironizou ao dizer que, se uma pessoa é transexual ou travesti, é bem possível que ela tenha mais motivos para habitar a noite, “como um vampiro ou uma bruxa”. Nesse sentido, lê-se como “noite” não só a madrugada, mas todo o ambiente receptivo à presença *trans* e que, durante o dia, pode ser utilizado por muitas pessoas aversas às causas, que ali transitam por demandas praticamente obrigatórias, como estudo e trabalhos formais, socialmente legitimados e naturalizados no ambiente urbano diurno.

Foi mencionado que o espaço público diurno é mais explícito no que concerne à estigmatização porque agrega vários fatores. Um deles é a impossibilidade do trabalho formal ou autônomo em lugares que as pessoas não estão acostumadas a ver ocupadas por pessoas *trans*, daí a reação agressiva é ainda mais latente. Também foi lembrado que o debate precisa ultrapassar a barreira imposta pelos estereótipos e preconceitos, no sentido de possibilitar a população *trans* ocupar lugares e espaços nunca ocupados, nas ruas e nas profissões “inesperadas.”

Enfatizaram que, com as altas taxas de desemprego num mercado explicitamente excludente, a noite se apresenta como abrigo para muitas transexuais e travestis, quase sempre através da prostituição. Apontaram que esse contexto se impõe por diversos fatores ao longo de suas vidas.

Afirmaram que escola é despreparada para as questões da diversidade e que acaba cristalizando preconceitos, que já passaram pela família e são retroalimentados no mercado de trabalho. “É difícil que uma pessoa *trans* possa se capacitar frente a uma exclusão tão gritante”: as palavras de Samantha são a melhor forma de reafirmar as ausências do Estado.

Segundo elas, diante da privação do espaço público diurno em diversos graus, muitas pessoas *trans* se sentem mais à vontade em sair à noite, onde são mais aceitas, como diz Sophia “a noite acalenta tudo que o dia tenta sufocar”, mas também é à noite que os “homens de família, brancos, *cis* heteronormativos e higienizados” (risos) procuram acalantar seus desejos reprimidos: Saem à procura daquelas que, durante o dia, violentam.

Portanto, foi reforçado que, para uma parte considerável da população *trans*, a prostituição se apresenta com uma melancólica possibilidade de sobrevivência. Não é uma escolha por prazer, mas por necessidade. Segundo Vick, não se pode generalizar e banalizar a prostituição baseando-se na vivência de uma pessoa que diz estar nela por prazer. Como dito anteriormente, o percentual de pessoas *trans* prostituídas é alarmante. Daí a defesa de iniciativas como a da Rede Monalisa que se tornam importantíssimas no acolhimento, formação e união de transexuais na luta por mais inclusão e visibilidade. Um exemplo para o próprio Estado observar, afirmaram.

TELEVISÃO

O diálogo sobre a visibilidade *trans* na mídia televisiva brasileira foi breve, mas tocou em pontos fundamentais para o entendimento da questão. Nesse sentido, foi dito que, mesmo em poucos casos, a TV brasileira está incluindo atrizes transexuais para viver personagens heterossexuais em novelas, e isso é algo consideravelmente positivo, comparando com décadas anteriores de exclusão. Essa movimentação de dar visibilidade a personagens transexuais nas TVs brasileiras é um dos pleitos mais cobrados pelo segmento *trans*: o de *naturalização*.

Por *naturalização* entende-se uma inclusão livre da ridicularização e do humor gratuito. Uma participação em que a condição de gênero ou sexual não seja o foco da personagem. Uma inclusão voltada a retratar as personagens LGBTQIAP+ de forma orgânica, nos mesmos termos das personagens heterossexuais. Exercendo uma inclusão espontânea e *real*.

Disseram que há poucos anos, personagens lésbicas, transsexuais, travestis, gays, *queers* e bissexuais só apareciam na TV (novelas, séries, programas de humor) com intuito de causar risos, através de comportamentos carregados de rótulos e clichês.

Quando não era para arrancar humor por meio de piadas preconceituosas, sua participação se resumia a ser “A” personagem LGBTQIAP+ da história, buscando sempre a aceitação das personagens *cis* heterossexuais para se *autoafirmar*.

As debatedoras alegaram que a situação descrita acima reflete um quadro possível: O confortável e cansativo processo autorreferencial de aceitação que o público *cis heteronormativo* dito progressista se mantém, conservando sua transfobia velada. Entretanto, eles raramente chegam se importar efetivamente em entender uma realidade que não seja a deles.

Contudo, as mediadoras do debate acreditam que a incipiente presença de personagens e profissionais *trans* na mídia televisiva é um sinal positivo, ainda que sujeito aos círculos de privilégios LGBTQIAP+ brancos e elitizados.

As participantes defenderam a inclusão não só de atores e atrizes transexuais e transgêneras, mas também a contratações no campo técnico dessas produções.

Elas alegaram a importância de se ver, por exemplo, uma mulher *trans* interpretando uma mulher *hétero* nas novelas. Essa é, para elas, uma das formas ideais da inclusão, pois da mesma forma que temos bons atores *héteros* que interpretam personagens *trans* com rigor (e elas elogiam), temos atores *trans* que podem interpretar personagens *héteros* com a mesmo profissionalismo. A grande diferença nesse contexto, para elas, é a falta de oportunidade para as pessoas *trans*. Além disso, as debatedoras pontuaram que a necessidade de se incluir atrizes e atores *trans* em papéis correspondentemente *trans*, evita a dominância do que é considerado *trans fake*.¹¹

Para elas a expressiva participação de transexuais na mídia televisiva aumentaria o nível de representatividade desse segmento. A partir dessa participação, pessoas de diferentes estratos sociais poderiam se reconhecer na televisão, superando dificuldades e criando oportunidades para lidarem com esse universo, além de cultivar a naturalização e o respeito entre o público em geral.

¹¹ *Trans fake* se refere ao que a própria morfologia da palavra expressa: Atrizes e atores *cis heteronormativos* interpretando personagens *trans*, o que mina certas oportunidades de trabalhos para pessoas *trans* nessa área.

DIVISÃO

Os preconceitos sexuais e de gênero habitam muitos grupos sociais e camadas econômicas diversas, então porque com a população *trans* seria diferente? Foi a pergunta.

Temos, na roda de diálogo, duas mulheres e um homem *trans* dizendo que, mesmo que a condição de transexuais os aproxime, existe uma divisão no trato com a sociedade. É comum que haja uma aceitação maior dos homens *trans*, do que das mulheres. Essa possível aceitação passa por diversas questões, uma das mais fortes está no fato de que o machismo estrutural costuma aceitar com mais facilidade os próprios homens, mesmo *trans*, do que aquelas que “eram homens e quiseram se tornar mulheres” - algo inaceitável para a “cultura do macho”.

Vick e Samantha reafirmam que essa diferença gera níveis de preconceitos diferenciados, as mulheres *trans* sofrem, de fato, mais do que os homens. Essa questão, segundo elas, também é resultado de como a sociedade enxerga a aparência física e os comportamentos associados ao sexo biológico. Para a parcela intolerante da sociedade, se faz incoerente o reconhecimento de mulheres *trans*, pois elas ainda são vistas como homens gays por parte considerável da população transfóbica.

Para as mediadoras, boa parte dos homens *trans* assemelha-se com estereótipo físico/visual do homem *cis* heteronormativo devido às flexibilidades de padrões existentes em homens com traços considerados “mais delicados” nesse meio. Ainda assim, esses seriam reconhecidos dentro do universo masculino *cis*. Entretanto, o inverso raramente ocorreria no universo feminino *cis*: Uma mulher *cis* heteronormativa com fortes traços masculinos poderia encontrar dificuldades na convivência com seu grupo. Já algumas mulheres *trans* podem encontrar transfobias no processo devido às marcantes características físicas do sexo biológico masculino (e que ainda podem ser notadas após o tratamento, em certos casos).

A conversa seguiu a refletir sobre as oportunidades de emprego, que também são diferenciadas entre homens e mulheres *trans*. Todavia, ainda existe um destaque maior, no cenário geral, para as mulheres *trans* o que, para alguns, invisibiliza a necessidade de inclusão de homens *trans*. Dito isso, pessoas da comunidade LGBTQIAP+ falam que, apesar de não ser um problema exclusivo da população *trans*,

sendo derivado de um olhar transfóbico estruturado, algumas pessoas da comunidade costumam não reconhecer ali uma mulher *trans* em *si*, mas alguém usufruindo do protagonismo e privilégios outrora herdados do homem *gay* na sociedade. Uma discussão delicada dentro da própria comunidade *trans*, e que está muito relacionada ao segmento radical de parte da comunidade feminista, a qual se recusa a reconhecer mulheres *trans* como mulheres e parte do seu grupo. Apesar disso, se faz muito necessário que o conhecimento e o diálogo em torno dessas questões sigam em constante debate e que uma minoria não se instrumentalize através do determinismo biológico para atingir outra minoria. Somando-se ao que já foi citado aqui como nossa herança patriarcal, essas características têm contribuído para potencializar a *transfobia* dentro comunidade LGBTQIAP+, atingindo intrinsecamente pessoas *trans*.

SOMA

Afirmaram que a divisão dos caracteres que compõe a sigla LGBTQIAP+ representam, logicamente, muito mais do que simples letras: representam lutas históricas marcadas por intolerâncias, violências físicas e símbolos de resistências. Mas, acima de tudo, representam o respeito às diferentes realidades e vivências de grupos oprimidos distintos.

Como qualquer grupo social, a população LGBTQIAP+ também move um fluxo de valores, ideais e preconceitos comuns a outros grupos. O compartilhamento de preconceitos ocorre, pois sabemos que fomos criados em uma sociedade que nos ensina a oprimir ao invés de compreender. O processo de desconstrução desses preconceitos é uma estrada sem fim (Samantha: ainda bem), onde o primordial é ouvir, refletir e respeitar a realidade do outro, tendo noção do lugar que você ocupa.

Uma reflexão inquestionavelmente importante foi trazida por nossas participantes ao final do evento: o sentido de *unificação* LGBTQIAP+.

Por fim, é comum nos depararmos com pessoas que, mesmo dentro de uma minoria social, como a população *trans*, exerçam preconceitos contra seu próprio grupo e, ainda, contra as outras minorias LGBTQIAP+. Acima de tudo, devemos refletir se não somos peças dessa mesma engrenagem. Por isso, foi evidenciada a necessidade de haver mais compreensão, empatia e coerência entre as comunidades. Pois, os objetivos comuns permanecem: autonomia, respeito, reconhecimento e visibilidade.

Sendo a sociedade um espaço ainda resistente às minorias, não sejam as minorias promotoras dessa mesma resistência, mas dirigentes de uma unificação. Ou, nas palavras de Sophia¹²: “O espaço de uma é o espaço das outras.”

4. IMAGENS DO UNIVERSO TRANSEXUAL PASSADAS NO CINEMA SEGUNDO O PÚBLICO E OS REALIZADORES DO 6º RECIFEST

As pessoas entrevistadas, quando questionadas sobre com que frequência costumavam ir ao cinema, responderam: duas ou mais vezes ao mês. E os locais em que mais assistiam aos filmes, afirmaram ser nos *shopping centers*. A entrevistada 4 respondeu que ultimamente estava assistindo mais nos festivais e mostras de cinema.

Quando indagadas se percebiam a participação de personagens *trans* nos filmes em que assistiam, todas responderam perceber pouca participação e a necessidade de se ter mais espaços para pessoas *trans* atuarem com protagonistas em todas as etapas das produções cinematográficas. Afirmaram que atualmente a exceção vem sendo os festivais de cinema que passaram a incluir em seus convites e editais espaços para a temática da diversidade cultural (sexual e de gênero), a exemplo do Recifest. Apontaram que os espaços abertos são frutos das lutas dos movimentos sociais, como a do Movimento LGBTQIAP+ que vem lutando por visibilidade de suas demandas, sobretudo, contra o preconceito, a discriminação e a violação de direitos.

Poucos. Percebo pouco a existência de personagens transexuais. Tanto homem *trans* (acho que ainda se torna um pouco mais difícil, entendeu?), e mulheres *trans* (ENTREVISTADA 1).

Não percebo. Não percebo mesmo, assim, a existência nem de personagens e nem de atrizes ou autores trans em cena, é escasso. É bem escasso mesmo (ENTREVISTADA 2).

¹²Foi subtraído do relatório a apresentação artística de dança realizada por *Sophia Williams* após o debate. Não foi possível presenciar o espetáculo devido a problemas logísticos e de incompatibilidade de horários, sendo o horário de término “não oficial” desconhecido.

Como reforçado pelas entrevistas, a visibilidade de transexuais nas produções cinematográficas vem se dando mais em função dos festivais que têm aberto espaços para curtas, médias e longas metragens envolvendo as temáticas da diversidade cultural. Espaços em que a presença e o protagonismo de personagens trans já são significativos. O Recifest é uma realidade de resistência e de esperança desse novo contexto que surge.

Quando perguntadas sobre a participação do universo transexual no cinema Pernambucano e, especificamente no Recifest, todas ressaltaram a importância e a coerência em que o universo *trans* é abordado nesse festival, aproximando-se das reais vivências da população *trans*.

Discorreram, ainda, apontando a importância do Recifest para o fortalecimento da diversidade cultural, sexual e de gênero no processo de desconstrução de preconceitos, violência e discriminação, sobretudo, contra o universo *trans*. Apontaram também que festivais e mostras de cinema como o Recifest têm possibilitado novas oportunidades de emprego e renda para essa população.

Cara, eu acho que o pessoal aqui de Pernambuco tem uma cabeça muito melhor assim, até do que o pessoal de São Paulo nessa questão da sensibilidade de como tratar a personagem *trans*, no cuidado. Super Pina que é um filme do Jean Santos mexeu muito comigo porque ele fala sobre uma desconstrução de um amor *gay*, esse amor que nós conhecemos e a construção de um novo amor que seria o 'amor primo', né? Que ele fala no filme, e aí eu sempre imagino que esse 'amor primo' é mais ou menos isso, assim, é esse cuidado com o outro e com as diferenças e com... enfim. Espero que o cinema de Pernambuco tenha mais personagens LGBTQI+, que tenham mais mulheres *trans*, enfim, que a gente consiga construir narrativas de diversidades de fato, que contemplem a todos, não só *pra* cumprir uma cota, sabe? 'Vou fazer um filme de *trans* para dizer que fiz um filme *trans* e *pra* que as pessoas me achem massa', assim. É isso (ENTREVISTADA 4).

Como dito pelas entrevistadas, festivais como o Recifest não só estimula a geração de emprego e renda para a população *trans* envolvida direta ou indiretamente na produção de cinema – parte técnica, curadoria, atrizes e atores – mas possibilita a desconstrução de preconceitos fazendo com que segmentos conservadores da elite dominante passem a contratar pessoas *trans* para os diversos ramos da economia.

Queria só, sobre essa questão de representatividade, reforçar a importância da empregabilidade, de que nós, mulheres *trans* e transexu- travestis e homens *trans*, é... que nós estamos aí, né? Existem muitas atrizes, temos

muitas cantoras *trans*, muitos poetas, escritores, pessoas *trans* em todas as áreas e a gente tem que dar visibilidade e empregabilidade para essas pessoas. É muito importante que a gente pense e repense: sempre que a gente pensar em cinema, em teatro, pensar primeiro em priorizar as mulheres *trans* como artista, como indivíduo e não só como personagem de um filme ou de uma peça... É isso (ENTREVISTADA 4).

No que tange as produções comerciais para o cinema e a televisão, ainda continua a existir uma presença baixa de personagens *trans* no cenário nacional. E, ainda, reproduzindo preconceitos e estereótipos. A luta por visibilidade não é somente para personagens *trans* aparecerem nas telas do cinema e da televisão, mas, sobretudo, para aparecerem com respeito, dignidade e cidadania. Como as entrevistadas afirmaram uma luta por mais representação em que as vivências do universo *trans* pudessem aparecer com equidade e respeito.

Hoje existe um número muito grande de produções cinematográficas seja curta metragem ou longa metragem com personagens *trans*, mas nós ainda temos pouco protagonismo, somos muitas poucas protagonizando filmes, o que é uma pena porque esse é um lugar que nos é de direito. Eu acho que nesse momento político é importante que a representatividade *trans* seja a prioridade quando se pensa em cinema com personagens transexuais e... é isso. Eu acho que existe muito estereótipos nas telas, muitos equívocos, muitas informações erradas e que a maioria entende que é bom porque nos dá visibilidade. Mas eu acredito também que tanta visibilidade pode ser um desserviço, assim, por conta das informações equivocadas, por conta da narrativa que eles escolhem e de como somos representadas (ENTREVISTADA 4).

Uma das perguntas norteadoras do trabalho foi o que significava para elas ser transexual. As respostas ressaltaram a necessidade de luta e resistência por espaços de liberdade e de respeito ao que elas são enquanto subjetividades e identidades. Ainda, ressaltaram o pertencimento ao ser livre de amarras socioeconômicas, políticas, culturais e identitárias.

Ah, significa ser livre, ter liberdade. Ser quem eu sou. Tipo, não costumo usar rótulos. Mas assim, eu. Apenas sou feliz (...), entendeu? Eu acredito que ser transsexual, eu acho que só me deixa mais à vontade, mais livre *pra* ser quem eu sou e fazer o que eu quiser (ENTREVISTADA 1).

Eu acho que ser uma mulher transexual no Brasil de hoje é muito político. Eu me sinto como uma parte da resistência, como um corpo político. A minha presença nos lugares causa um desconforto, mas também, *pra* mim, é completamente diferente. Eu sinto que quanto mais eu ocupar espaços, mais resistência estou fazendo por mim e pelas minhas iguais, pelas mulheres *trans* e travestis, contra esse retrocesso (*o governo*), contra esse momento tão *careta*, né? Tão complicado *pra* gente estar vivendo, assim, e no audiovisual temos muitas poucas realizadoras (ENTREVISTADA 4).

Pra mim é ser. É luta. É lutar todo dia *pra* ser quem eu sou. É resistência. É vivacidade, sabe? É entender quem eu sou. É me respeitar, me amar por

isso, sabe? Eu acho que ser transexual é ser eu. Ser eu, assim (ENTREVISTADA 3).

Foi dito também que ser transexual é viver uma vida diferente daquela que você não se identifica e nem se sente representada. É viver contra o estabelecido na sociedade como padrão dominante de comportamento. Ser perseguida, violentada e invisibilizada sendo o que você é. É nascer num corpo que você não se identifica. Também se rebelar contra as formas de pensar, sentir e agir do modelo “institucionalizado” de comportamento na sociedade que historicamente representou o pensamento de uma elite que domina, oprime e explora as minorias.

É viver uma vida que você não totalmente se identifica com o que você realmente nasceu no corpo. Eu vivia, antes, muito de aparência por conta da família, essas coisas. Mas resolvi ser quem eu sou de verdade, *pra* realmente me sentir bem e não só agradar as pessoas. Então, é, ser *trans pra* mim é como se fosse uma libertação. Você expõe o que você realmente é *pra* fora (ENTREVISTADA 2).

No que tange ao protagonismo de personagens *trans* nas telas do cinema e da TV, foi perguntado às entrevistadas se já tinham assistidos filmes em que o universo *trans* fosse apresentado de forma mais fidedigna e com os transexuais aparecendo como protagonistas. Responderam que existem poucas produções nacionais e a forma como as personagens *trans* são apresentadas não corresponde às vivências do universo transexual. Aparecem geralmente como personagens coadjuvantes, pitorescas e caricaturais.

No entanto, festivais como o Recifest, tem possibilitado que o universo *trans* passasse a ser representado mais fidedignamente permitindo que as várias facetas desse universo fossem abordadas como centralidade dessa construção, como a inclusão do protagonismo *trans* em todas as etapas da produção, a exemplo de produtores, curadores, atrizes e atores.

Assisti aqui no festival. Fora o festival eu não vi filme, não. No “cinemão”, não, aberto assim ao público, coisa assim, não. Como grande espetáculo, não. Não ainda (ENTREVISTADA 1).

Sim. Mas também em cinemas, acredito, que muito em (cinemas) independentes. Mas tem, eu acredito que (...) Deixa eu ver... o último que eu assisti se chama Meu nome é Tom [Meu nome é Ray] (...) que fala da vivência de um menino *trans*, é, que aconteceu o *trans fake*, né? Ou seja, se utilizaram de uma atriz *cis pra* fazer o personagem, ou seja, não era um ator *trans* fazendo. Mas a história falava sobre a vivência de um menino *trans* (ENTREVISTADA 3).

Reforçando ao que já haviam dito sobre de que forma enxergavam personagens transexuais sendo retratadas no cinema e o porquê delas serem retratadas de tal forma, todas responderam que o universo *trans* sempre sofreu discriminação e invisibilidade no cinema e na TV. E as personagens *trans* têm aparecido ao longo do surgimento desses meios de comunicação de massa de forma secundária, exótica, preconceituosa, humorística e discriminada.

Eu acho que antigamente eram tratadas (...) como mais comédia talvez (...) era mais como uma piada. Eu acho que hoje em dia sim, com um teor de empoderamento, com um teor de mais respeito. Eu acredito que as pessoas, hoje em dia, têm um pouco mais de cuidado. Elas querem (eu imagino que queiram) ter pessoas transexuais dentro do seu elenco, porém eu acredito que com muito cuidado (ENTREVISTADA 1).

Afirmaram que antes essa forma de preconceito e discriminação era mais direta e explícita. Mas afirmaram que dada à luta de movimentos sociais por direitos, liberdades de expressão e pela diversidade cultural, a exemplo do já referido Movimento LGBTQIAP+ que vem lutando, superando barreiras e conquistando espaços para esse universo, inclusive, na TV e no cinema, tem feito com que o preconceito e a discriminação passassem a aparecer agora de forma mais velada, cuidadosa e escondida.

Atribuíram, ainda, que esse contexto de discriminação, preconceito e violência contra o universo *trans*, é fruto das desigualdades históricas estruturadas na nossa sociedade, impostas pela visão de mundo de uma elite econômica branca. Assim, desde o período colonial, tem-se a dominação dessa elite branca que é assentada, entre outros pilares socioeconômicos, no trabalho escravo e no patriarcado que vem se contrapondo e exterminando tudo que se coloca contrário ou diferente aos seus interesses. Visão de mundo, portando, que defende (explícito ou veladamente) o machismo, a discriminação racial, a misoginia, a transfobia e a heteronormatividade como padrão de comportamento dominante.

Eu acho que elas estão associadas a uma transfobia internalizada, muitas vezes velada, oculta mesmo, assim, tem pessoas que não entendem que são transfóbicas. (...) É machismo, né? A gente vive numa sociedade heteronormativa extremamente machista, misógina, então, por mais desconstruído que muitos estejam hoje, ainda existe muita informação equivocada e por isso eu acho que o cinema tem tido esse problema, assim, de entender quem somos e de nos colocarem nas telas (ENTREVISTADA 4).

Afirmaram que para superar esse quadro é necessário luta, resistência, formação, estudo, vivência e respeito às liberdades e a democracia. Falaram da

importância da educação, das escolas como fundamental para despertar nas pessoas um pensamento crítico de respeito ao diverso e ao diferente. Também falaram da importância e da necessidade de se lutar por cidadania e inclusão social, fazendo com que a convivência com a população transexual faça parte do cotidiano das pessoas de forma plural, pertencida e respeitosa.

(...) atualmente, vem tentando retratar as nossas vivências de uma maneira mais... procurando, talvez, explicar as questões da transexualidade. Anteriormente, eram sempre faladas de maneira muito ofensivas. De maneira até grosserias mesmo, sobre vivência trans, né? Sempre era aquela personagem que, principalmente quando se tratava de uma trans mulher, né? Da transexualidade feminina, era sempre aquela personagem que, quando o boy beijava, se tornava a graça da história, né? Quando, enfim, um outro personagem beijava, ficava com ela: 'Ah, você ficou com ela?' e 'não sei o- quê', se tornava a piada da história. (ENTREVISTADA 3)

(...) a gente tá vivendo num país que tá passando por um momento muito difícil com relação à liberdade de expressão. Eu acredito que essa liberdade de expressão, ela transcende estar dentro de casa. Vai na rua, vai no cinema, vai *pra* qualquer lugar. Então, eu acredito que por isso, devido a isso, essa resistência é, né? Eu acredito que seja muito por isso, eu acho que é uma questão de cultura, de educação. Mas acredito que estamos aí, empoderadas e sim, e todos de mãos juntas (ENTREVISTADA 1).

Quanto questionadas se a imagem do universo trans abordado no cinema e na TV correspondia a vivência social delas, responderam que não. Embora apontassem mudanças de melhorias nos últimos anos como abertura de novos espaços para personagens *trans* e um cuidado maior quanto ao universo delas retratado. E como já explicitado antes, iniciativas como os festivais de cinema, as mostras independentes, as lutas dos movimentos como o LGBTQIAP+ tem apontado para novos horizontes esperançosos que desnaturaliza formas de dominação e exploração historicamente estruturadas. Ainda apontaram para a necessidade de mais equilíbrio quanto às narrativas representadas (tragédias, felicidades) do universo *trans* nesses meios de comunicação de massa, uma vez que quanto mais oportunidades de espaços forem abertas, mais esse universo será respeitado e reconhecido. Como nos termos da Entrevistada 1: “Se minha vida fosse um filme, ela não seria uma tragédia. Mas também não seria um mar de rosas. Seria uma vida natural, normal, como a de qualquer outra pessoa, cheia de problemas e cheia de alegrias, e é isso”.

(...) eu acho que não por completo, porque eu acredito que todo mundo (independente de você ser *trans*, *gay*, *cis*) (...) tem sua vivência. Então, nem sempre a gente vai olhar *pra* uma imagem, *pra* um ator, *pra* uma atriz e vai dizer 'Ai, minha vida é assim.' A vida da gente é diferente da vida do nosso vizinho. Então, muitas vezes, não é porque é *trans* que tem que ser todo

mundo igual e ficar todo mundo numa caixinha. Não é porque eu sou *trans* que eu tenho que ser igual ou me vestir igual ou tem que tá na minha cara que eu sou *trans*. (...) no habitual da vida, quanto mais escolher um personagem *trans* e colocar todas as pessoas trans dentro dele (...) Acredito que quando existir uma série que vai ter só personagem trans, aí sim, as pessoas vão começar a entender que existem diversos mundos dentro desse universo e [também] diferentes (ENTREVISTADA 1).

Importante destacar que a partir desse contexto de luta por respeito à população *trans* e à diversidade cultural, a perspectiva da visão preconceituosa e distorcida no que tange às personagens e ao universo *trans* no cinema e na tv, vem sendo pressionada no cinema de massa para trazer para telas uma vivência mais apurada e contextualizada desse universo. E os resultados positivos estão aparecendo. Segundo as entrevistadas, as produções recentes sobre o universo trans estão sendo mais cuidadosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões da transexualidade e da transgêneiridade são as que hoje se encontram entre as mais debatidas pela comunidade LGBTQUIAP+, tanto nos círculos de debates sociais e políticos, quanto nos espaços midiáticos (sobretudo nas redes sociais). Porém, é inegável admitir que esse crescimento se deva a vários fatores sociopolíticos até recentemente transformados. Essas mudanças só foram possíveis após intensas militâncias dos movimentos pelos direitos de transexuais no decorrer de décadas (DI TILIO, 2018). Contando com a formalização do nome social, a disponibilidade das cirurgias de redesignação sexual e o tratamento hormonal. Uma conquista categórica foi a retirada da transexualidade da lista de transtornos psicológicos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (apesar de ainda figurar nos manuais de saúde mental, em outra categoria). A recente despatologização aumentou a legitimidade de muitas pessoas *trans* sobre sua própria autonomia e nas relações que elas estabeleciam com os espaços sociais. Dentre alguns fatores positivos na área da saúde, ainda se faz necessário uma capacitação nessa área para o acolhimento mais humanizado das pessoas que desejam a adequação hormonal e estética/cirúrgica, já que muitas chegam ao sistema de saúde desamparadas pelas famílias.

Todavia, esses fatores são insuficientes para reduzir as hostilidades contra a população *trans*. É imprescindível que as demandas desse grupo sejam compreendidas a níveis coletivos e psicossociais, por todas as esferas que compõe a vida cotidiana delas, validando suas subjetividades (DI TILIO, 2018). Essas mudanças incluem tanto a criação de novas políticas públicas que contemplem a *desestigmatização* das identidades transgênero (e na redução do essencialismo biológico nas instituições), quanto nas esferas populares as envolvem. Nesse sentido, é pertinente lembrar que alguns dos fatores mais evidenciados no decorrer deste artigo foi a questão da capacitação profissional, inclusão acadêmica e da empregabilidade. Uma das iniciativas que exemplificam uma dessas necessidades é a criação do projeto Mona Lisa, que procura incluir pessoas transgêneros às empresas amigas. Organizações locais como a Amotrans, o Instituto Transviver e a Frente Trans PE, também se tornam cada vez mais relevantes para visibilidade *trans* em múltiplos segmentos.

Como o foco deste artigo, é inegável que os engajamentos expressos pelas mídias cooperam significativamente para a legitimação e naturalização das pessoas *trans* perante a sociedade. Desde personagens *cis* interpretados por pessoas *trans* em novelas (ou mesmo personagens *trans*), filmes e séries de prestígio, até a crescente presença de pessoas transgêneros na indústria musical (como Liniker, Majur, Linn da Quebrada, Jup do Bairro e Urias). Já o espectro cinematográfico coopera não apenas para reafirmação das pessoas *trans*, como no ato de ressignificar a vivência delas do ideário coletivo. Assim, a sétima arte se mostra uma potente arma para o reconhecimento de símbolos e de identidades na cultura de massa. Em vista disso, o processo de autorreconhecimento dos indivíduos e seus respectivos grupos nas telas pode ajudar na desconstrução de conceitos hegemônicos excludentes. Segundo as próprias entrevistadas, já existe um considerável cuidado na composição das narrativas cinematográficas que perpassam suas vivências, sobretudo em Pernambuco (e nos festivais locais). Neste ano, foi criado o maior portal nacional destinado à exibição de produções audiovisuais de pessoas transexuais e transgêneros (entre curtas ficcionais, documentários e longas). O projeto, intitulado Tela Trans¹³ possui um acervo bastante diverso, categorizando identidades étnicas, de gênero e profissionais de diferentes regiões do Brasil.

Sendo assim, é satisfatório observar, através das pesquisas para o presente artigo, que as representações e a visibilidade *trans* no cinema estão cada vez mais proeminentes, sendo reconhecidas e premiadas mundialmente. Em 2018, o filme chileno Uma Mulher Fantástica¹⁴ foi o primeiro filme protagonizado por uma mulher *trans* a levar a estatueta de melhor filme internacional no Oscar. Premiações como o Emmy já indicam mulheres *trans* para categorias de melhor atriz¹⁵ (MJ Rodriguez, na popular série 'Pose'). O festival de Cannes 2021 nomeou o documentário pernambucano Deus é Mulher¹⁶ para uma de suas mostras. O documentário registra a vivência de Alexya Salvador, primeira reverenda *trans* da América Latina.

¹³ Disponível em: <<https://telatrans.com.br/>> Acesso em: 14/07/21

¹⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2018/noticia/uma-mulher-fantastica-e-primeiro-filme-estrelado-por-transsexual-a-levar-oscar.ghtml>> Acesso em: 10/07/21

¹⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/07/13/mj-rodriguez-de-pose-e-primeira-trans-indicada-ao-emmy-na-categoria-principal-de-atuacao.ghtml>> Acesso em: 14/07/21

¹⁶ Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2021/07/deus-e-mulher-filme-pernambucano-vai-a-cannes-em-busca-de-parcerias.html>> Acesso em 14/07/21

REFERÊNCIAS

- ADORNO, et ali. Comentários e sessão de Luiz Costa Lima. São Paulo. Paz e terra, 2000.
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.
- CARAVACA-MORERA JA, Padilha MI. [The transexual reality from the historical and cisheteronormative perspective] Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2015;6(2):310-318. Portuguese.
- CARMELO, Bruno. O que é, afinal, um cinema de minorias? Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-afinal-um-cinema-de-minorias>> Acesso: 13/02/2021.
- CARREIRA, Pedro. Cinema: estudos mostram que representação LGBT está a diminuir. Disponível em: <<https://escrevergay.com/2016/05/03/cinema-estudo-mostra-querepresentacao-lgbt-esta-a-diminuir/>> Acesso: 15/03/2017
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. – 3. Ed. – Belo Horizonte, Autentica Editora, 2009.
- DI TILIO, Rafael. Despatologização da transexualidade: revisão integrativa da literatura científica nacional. Revista brasileira de sexualidade humana, 2018. Disponível em: <https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/view/40 >
- FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Coleção alteridade e criação,2. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.
- GOMES, Marco Aurélio Paiva. O transexual em cena: como ele é retratado no cinema francês no começo do séc.XXI. Brasília/DF, nov. 2010.
Disponível em:
<www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1161/2/20714210.pdf> Acesso: 15/03/2017.
- JOSÉ, Pedro. Cinema: Estudos mostram que representação LGBT está a diminuir. Maio, 2016. Disponível em: <<https://escrevergay.com/2016/05/03/cinema-estudo-mostra-querepresentacao-lgbt-esta-a-diminuir/>> Acesso em: 15/03/2017
- LANZ, Leticia (Geraldo Eustáquio de Souza). O Corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba, 2014.

Disponível em: <[https://pt.scribd.com/document/241393228/Leticia-Lanz-O-Corpo-Da-Roupa...>](https://pt.scribd.com/document/241393228/Leticia-Lanz-O-Corpo-Da-Roupa...)

LEKITSCH, Stefan. Cine arco-íris: 100 anos de cinema LGBT nas telas brasileiras. São Paulo: GLS, 2011.

MARCONDES, Thereza Cristina Bohlen Bitencourt. Cine Igualdade: A evolução do cinema LGBT e a conquista de direitos. Belo Horizonte: D'Plácido, 2013.

MELO, Patricia Bandeira de. A intervenção cultural do discurso cinematográfico: os sentidos da ditadura militar no Brasil. Revista FAMECOS. Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 68-80, 2010.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. VIA ATLÂNTICA, SÃO PAULO, N. 24, 49-65, DEZ/2013.

MORIN, Edgar. O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica / tradução Luciano Loprete. -1. ed. – 288 p. São Paulo, 2014.

PINHEIRO, Anna Caroline de Moraes. *A representação de transexuais e travestis no cinema brasileiro*. Brasília, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9454/1/2014_AnaCarolineDeMoraes_Pinheiro.pdf> Acesso: 15/03/2017.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. A transexualidade na atualidade: discurso científico, político e histórias de vida. UFBA. Disponível em: <[A TRANSEXUALIDADE NA ATUALIDADE: DISCURSO CIENTÍFICO, POLÍTICO E HISTÓRIAS DE VIDA \(1library.org\)](#)>

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Coleção corpo Imagético. Tradução: Fernando Mascarello – 5ª ed. – Campinas, SP. 2013.

LINKS

<<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/6o-recifest- chega-com-programacao-gratuita-ao-cinema-sao-luiz/>> Acesso em: 29/01/2018.

<<http://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/recifest-leva-filmes-sobre-genero-e-sexualidade-a-periferia-do-recife/>> Acesso em: 14/07/2018.

<<https://www.generonumero.media/trans-eleitas-em-2020/>> Acesso em: 17/12/2020

<<http://www.cinevitor.com.br/recifest-festival-de-cinema-da-diversidade-sexual-e-de-genero-anuncia-edicao-especial-e-on-line/>> Acesso em: 29/03/2021.

<<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/pernambuco-elege-sua-primeira-deputada-trans-da-historia>> Acesso em: 10/01/2019.